

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS- UEA  
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO  
CURSO DE TURISMO- ESAT**

**STEPHANIE PINTO**

**A ANÁLISE DO FESTIVAL *BON-ODORI* COMO EVENTO CULTURAL NAS  
CIDADES DE MANAUS E IRANDUBA**

**MANAUS  
2021**

**STEPHANIE PINTO**

**A ANÁLISE DO FESTIVAL *BON-ODORI* COMO EVENTO CULTURAL NAS  
CIDADES DE MANAUS E IRANDUBA**

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para obtenção do título de bacharel em turismo do curso de Turismo da Escola de Artes e Turismo-ESAT da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Tur.<sup>a</sup> Márcia Raquel Cavalcante Guimarães, Dr.<sup>a</sup>.

**MANAUS**

**2021**

**STEPHANIE PINTO**

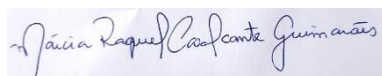
**A ANÁLISE DO FESTIVAL *BON-ODORI* COMO EVENTO CULTURAL NAS  
CIDADES DE MANAUS E IRANDUBA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Grau de Bacharel em Turismo da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e aprovado, em sua forma final pela Comissão Examinadora.

**Aprovado em 14/12/2021**

**Nota Final= 9,25**


**COMISSÃO EXAMINADORA:**



Prof.<sup>a</sup>. Tur<sup>a</sup> Márcia Raquel Cavalcante Guimarães, Dr<sup>a</sup>  
(Universidade do Estado do Amazonas- UEA)

  
Cláudia Araújo de Menezes Gonçalves Martins

Prof.<sup>a</sup> Tur<sup>a</sup> Claudia Araújo Menezes, Ma.  
(Universidade do Estado do Amazonas- UEA)



Prof. <sup>a</sup> Dra. Helen Rita Menezes Coutinho  
(Universidade do Estado do Amazonas- UEA)

**MANAUS**

**2021**

*À minha mãe, que tanto apoiou e incentivou o meu crescimento profissional e pessoal.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente sou grata às entidades do universo por ter me proporcionado chegar até aqui, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho.

À minha mãe, minha fonte de inspiração, essa mulher guerreira, agradeço pelo amor incondicional, por nunca terem medido esforços para me proporcionar um ensino de qualidade durante todo o meu período escolar, pela força e amparo em momentos tão difíceis, aprendi tanto com você, obrigada pelas orações e amor.

À minha segunda mãe, minha avó Alcelina, que nos deixou tão brevemente durante esta pandemia, a pessoa que sempre acreditou em mim, que me acompanhou e me ajudou em momentos cruciais quando não podia contar com mais ninguém. Quando você partiu foi muito difícil, foi como perder o porto seguro e meu chão. Com o passar do tempo eu pude entender que cada um tem sua missão na terra e você havia cumprido a sua. Você sempre foi forte, inspiradora e disposta a ajudar mesmo quando não era solicitada e não esperava nada em troca, sempre colocava os outros em sua frente, um anjo que habitava na terra e agora retornou aos céus. Admiro muito sua trajetória, sinto sua falta, mas mais que isso, posso sentir a sua presença todos os dias, te levarei para sempre em meu coração. Tenho certeza de que no dia da minha formatura você comemorará essa vitória de onde você estiver.

Ao meu bebê, meu irmãozinho Matheus, meu maior fã, que sempre me coloca para cima, torce comigo e comemora todas as minhas vitórias, meu maior motivador e fonte de alegria.

À minha irmã de alma Juliana, um presente divino que o universo colocou em minha vida, minha companheira desde o início da faculdade, me dá forças quando já não tenho, com quem compartilhei os melhores e piores momentos da minha vida, sou eternamente grata por todo seu apoio diário e motivação, e ajuda quando mais preciso.

À Sara, minha companheira desde a infância, que mesmo de longe torce pelo meu crescimento.

Aos meus amigos Jota e Volker, pelas risadas e desabafos, quando preciso apenas espalhar sei que posso contar com eles.

À Tarfy por todo carinho e amor que tens me dado.

Ao Luís que me aguenta reclamar todos os dias no trabalho, por todos os

momentos mais loucos que compartilhamos desde o começo da faculdade, obrigada por sempre me escutar.

Ao Marden, temos um laço tão intenso que somos capazes de senti-lo independente da distância.

À Sandra, se não fosse a ajuda diária dela já teria desistido.

À Nady, que me ajudou a conduzir o trabalho com paciência e dedicação.

Aos meus amigos de faculdade, o pessoal do fundão: Adriano, Emily, Laiz e Raissa, mesmo não tendo mais contato, vocês tornaram todo o processo da graduação mais agradável, divertido e especial, os nossos momentos ficarão guardados para sempre no meu coração.

Às sete pessoas da Coreia do Sul que por muitas vezes me inspiraram através de atos e suas músicas.

Minha Orientadora, Márcia Raquel, por ter acolhido a mim e meu tema, obrigado pela persistência e atenção, exemplo de profissional e ser humano.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado. A vocês ofereço a minha vitória

“No matter who you are, where you’re from, your skin colour, gender identity: speak yourself. Find your name and find your voice by speaking yourself.” (Kim Namjoon, 2018, 73<sup>a</sup> **Assembléia Geral da ONU**).

“Não importa quem você seja, de onde você venha, sua cor da sua pele, sua identidade de gênero: fale por si mesmo. Encontre o seu nome e a sua voz, falando por si próprio.”

## RESUMO

O Festival Bon-Odori é realizado durante o “Festival dos Finados” e configura-se como um dos rituais mais importantes da cultura nipônica, trata-se de um rito mortuário inerente ao Budismo. Diante deste contexto, o presente estudo objetivou analisar o *Festival Bon-Odori* enquanto evento turístico cultural em Manaus e Iranduba. E especificamente: situar nas literaturas existentes a importância dos festivais japoneses para o fortalecimento da diversidade cultural no estado do Amazonas; apresentar a relevância do festival *Bon-Odori* no contexto histórico e cultural da imigração japonesa em Manaus; expor a contribuição do Festival *Bon Odori* para o fortalecimento da atividade turística nos municípios de Manaus e Iranduba. A investigação seguiu uma divisão pautada na abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica e aplicação de entrevista, para tal contamos com as contribuições de autores que discutem sobre cultura japonesa, patrimônio e eventos turísticos, dentre os quais destacamos: Azevedo (2000), Beni (2002), Castro (2007), Pelegrini e Funari (2008), Sherkin (1999), entre outros. No que se refere aos resultados constatou-se que o festival pode se tornar um importante indutor do turismo na região amazônica e que contribui para a preservação e disseminação da cultura japonesa em Manaus e Iranduba. Neste sentido, através de planejamento, estudo e organização o festival pode sim se tornar um evento com potencial turístico, contribuindo para a potencialização e desenvolvimento do turismo no Amazonas.

**Palavras-chave:** Evento Turístico. Festival Bon-Odori. Amazonas



## ABSTRACT

The Bon-Odori Festival is held during the "Festival of the Dead" and is one of the most important rituals of Japanese culture, it is a mortuary rite inherent to Buddhism. In this context, the present study aimed to analyze the Bon-Odori Festival as a cultural tourist event in Manaus and Iranduba. And specifically: to situate in the existing literatures the importance of Japanese festivals for the strengthening of cultural diversity in the state of Amazonas; present the relevance of the Bon-Odori festival in the historical and cultural context of Japanese immigration in Manaus; to expose the contribution of the Bon Odori Festival to the strengthening of tourist activity in the municipalities of Manaus and Iranduba. The investigation followed a division based on the qualitative approach, with bibliographic research and application of interviews, for this we have the contributions of authors who discuss Japanese culture, heritage and tourist events, among which we highlight: Azevedo (2000), Beni (2002), Castro (2007), Pelegrini and Funari (2008), Sherkin (1999), among others. Regarding the results, it was found that the festival can become an important inducer of tourism in the Amazon region and that it contributes to the preservation and dissemination of Japanese culture in Manaus and Iranduba.

**Keywords:** Tourist Event. Bon-Odori Festival. Amazon.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Navio Kasato Maru em 1908.....	32
<b>Figura 2-</b> Regiões dispostas aos japoneses colonizarem (1927) .....	35
<b>Figura 3-</b> Tyôtin- luminária japonesa .....	38
<b>Figura 4-</b> Bon-Odori em Araçatuba.....	40
<b>Figura 5-</b> A dança do Bon-Odori em Bangkok.....	40
<b>Figura 6-</b> Sede da Nipakku em Manaus .....	43
<b>Figura 7-</b> Queima de fogos no Bon Odori em Manaus .....	46
<b>Figura 8-</b> A dança do Bon Odori em Manaus .....	47
<b>Figura 9-</b> Bon Odori 2018 em Manaus.....	49
<b>Figura 10-</b> Público no Bon Odori Manaus 2018.....	50

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**OMT** – Organização Mundial de Turismo

**UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	14
2.1 A RELAÇÃO TURISMO E CULTURA NA VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL: IDENTIDADE E CONTINUIDADE .....	14
2.2 A IMPORTÂNCIA DOS EVENTOS CULTURAIS PARA A POTENCIALIZAÇÃO DO TURISMO .....	22
<b>3 O PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	25
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	25
3.2 UNIVERSO DA PESQUISA .....	26
3.3 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS .....	26
3.4 COLETA DE DADOS .....	28
3.5 MÉTODO .....	28
3.6 ANÁLISE DE DADOS .....	29
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	30
4.1 OS PRIMEIROS JAPONESES NO BRASIL: UM BREVE RECORTE HISTÓRICO .....	30
4.2 IMIGRANTES JAPONESES NA AMAZÔNIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	33
4.3 CONHECENDO O FESTIVAL <i>BON-ODORI</i> .....	37
4.4 O FESTIVAL BON-ODORI EM MANAUS E IRANDUBA: POTENCIAL PARA A ATIVIDADE TURÍSTICA AMAZONENSE .....	42
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	52
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	54
<b>APÊNDICE- ROTEIRO DA ENTREVISTA</b> .....	57

## 1 INTRODUÇÃO

A presença colônia japonesa na cidade de Manaus se faz perceber de distintas maneiras, sejam elas econômicas, políticas, sociais ou culturais. É notória a importância da etnia na história e desenvolvimento do Estado e a forma como esta foi se adaptando ao longo dos anos. No contexto cultural, podemos ainda perceber os aspectos dessa etnia através de seus costumes tradicionais, comemorações e festivais como forma de demonstração de seu patrimônio imaterial.

As manifestações culturais existentes dessa comunidade na capital e ainda no interior do Estado, apresentam uma riqueza imaterial e fazer uso destes eventos, de forma planejada, proporciona um intercâmbio de experiências entre a comunidade *Nikkei*<sup>1</sup> e visitantes, contribuindo como um aspecto positivo para a cultura e para o turismo.

Realizado três vezes ao ano, os *Matsuris*<sup>2</sup> se constituem como um referencial étnico do grupo, voltando-se principalmente aos residentes de Manaus, sejam eles descendentes japoneses ou não. Esses eventos que ocorrem anualmente como o *Bon-Odori* (festival de Dia dos Mortos) que comemoram contextos históricos da imigração japonesa no Brasil, foram iniciados pelos pioneiros japoneses para Manaus vem se repetindo há mais de 30 anos e tornam-se um evento tradicional aqui na Amazônia onde esses costumes ainda são preservados, e é notório o aumento de participantes a cada ano.

A pesquisa surge de uma inquietação pessoal de compreender o modo em que a comunidade japonesa presente em Manaus celebra suas heranças culturais. Neste âmbito o presente estudo justifica-se por proporcionar uma reflexão acerca do festival *Bon-Odori* a fim de compreender seu real valor cultural, seja para os remanescentes da cultura japonesa ou para todos que a apreciam. Desse modo, compreende-se também o planejamento, a organização e operacionalização dele enquanto um potencial evento cultural.

Assim, a referida pesquisa traz contribuições para a sociedade no geral e para a academia, à sociedade contribui com um material de fácil assimilação para a

---

<sup>1</sup> Nikkei refere-se a todo japonês ou descendente que passou a residir fora do Japão, como sugere Kai Mutsurô (2007).

<sup>2</sup> Matsuris: festivais japoneses. "Matsuri – Wikipédia, a enciclopédia livre." Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Matsuri> >. Acesso em: 10 jun. 2021.t

compreensão desta manifestação cultural japonesa. E à academia fica um trabalho que pode contribuir para as futuras pesquisas tanto no âmbito do estudo da cultura quanto na questão dos estudos sobre potenciais eventos turísticos. Para tal, trouxemos como indagação de pesquisa: de que forma o Festival *Bon-Odori* (evento cultural da colônia japonesa), contribui para o fortalecimento da identidade cultural em Manaus e em Iranduba?

Diante do exposto, a presente pesquisa objetivou analisar o *Festival Bon-Odori* enquanto evento cultural em Manaus e Iranduba. E especificamente: a) situar nas literaturas existentes a importância dos festivais japoneses para o fortalecimento da diversidade cultural no Estado do Amazonas; b) apresentar a relevância do festival *Bon-Odori* no contexto histórico e cultural da imigração japonesa em Manaus; c) expor a contribuição do Festival *Bon Odori* para o fortalecimento da identidade cultural nos municípios de Manaus e Iranduba.

Para responder à questão que norteia esta pesquisa e visando um entendimento mais amplo, essa investigação deu-se no âmbito dos municípios de Manaus e de Iranduba. E seguiu uma divisão pautada na abordagem qualitativa, na pesquisa documental, bibliográfica e de campo, para tal contamos com as contribuições de autores que discutem sobre cultura japonesa, patrimônio e eventos turísticos, dentre os quais destacamos: Azevedo (2000), Beni (2002), Castro (2007), Pelegrini e Funari (2008), Sherkin (1999), entre outros.

Desse modo, a estrutura do trabalho é composta pela introdução com a contextualização da temática abordada, seguida por três capítulos, sendo o primeiro composto pela fundamentação teórica na qual discutimos sobre a relação do turismo e da cultura na valorização do patrimônio imaterial, dos legados étnicos e dos eventos culturais enquanto produto turístico. O segundo capítulo refere-se à metodologia e todas as etapas realizadas para a construção da pesquisa. O terceiro apresenta a discussão e os resultados obtidos com a investigação, seguido das considerações e das referências que embasaram o trabalho.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, abordaremos a relação turismo e cultura para a valorização do patrimônio imaterial. Para isso iniciaremos com a caracterização do que é patrimônio imaterial e qual sua relevância para a identidade dos povos ao redor do mundo. Nos limitaremos aqui às festividades da cultura japonesa, bem como suas contribuições para o fortalecimento da diversidade cultural do Amazonas e como um indutor do turismo em nosso estado.

### 2.1 A RELAÇÃO TURISMO E CULTURA NA VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL: IDENTIDADE E CONTINUIDADE

Discutir sobre cultura, automaticamente nos vem à cabeça o conceito de patrimônio, que geralmente é mais destacado no seu âmbito físico, entretanto aqui o debate se deu e foi aprofundado no conceito de patrimônio intangível e ou imaterial. Falar sobre patrimônio cultural nos remete a todas as riquezas tangíveis que foram produzidas ao longo dos séculos, essa é a visão do patrimônio material, que são os prédios, livros, obras de artes, lugares físicos, que podemos ver e conhecer.

O debate ocorre a partir do conceito de patrimônio imaterial, que é tão relevante quanto o material, os patrimônios imateriais são as crenças, costumes, saberes e fazeres passados de geração para geração, como um importante legado na construção da identidade das pessoas enquanto indivíduo dentro de determinados grupos sociais.

O artigo 2º da Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial das Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) (2003), define patrimônio imaterial como:

Práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003, p. 65).

Conforme o mencionado nesta convenção, o conceito de patrimônio intangível ressalta os saberes e fazeres como expressões, conhecimentos e técnicas e representações que comunidades e ou grupos reconhecem como sendo parte do seu patrimônio cultural imaterial.

No contexto pós Segunda Guerra Mundial os debates sobre a salvaguarda dos patrimônios intangíveis passam a ganhar força. Segundo Kurin (2004), essas discussões acerca da preservação destes bens, se aprofunda inicialmente por conta de questões jurídicas que tratavam dos direitos autorais e no segundo momento os movimentos políticos e as lutas dos grupos minoritários fortaleceram e reavivaram as tradições locais e como resultado disso tivemos o sentimento de identidade e pertencimento enaltecidos.

O quadro 1 a seguir demonstra a cronologia e algumas ações, convenções e documentos que contribuíram para as políticas de preservação dos patrimônios imateriais.

**Quadro 1-** Organizações e eventos relacionados à preparação das “Recomendações sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Folclore” de 1989

6 de setembro de 1952	Adoção da Convenção Universal de Direitos Autorais (Universal Copyright Convention), em Genebra; revisada em 1971 (Paris)
14 de julho de 1967	Comitê Executivo da União de Berna: Conferência de Estocolmo da Convenção de Berna
1971	Secretaria UNESCO: Preparação do Documento "Possibilidade de criação de um Instrumento Internacional para a Proteção de Folclore"
16 de novembro de 1972	17ª Conferência Geral da UNESCO: Adoção da Convenção para Proteção do Patrimônio Cultural e Natural Mundial
24 de abril de 1973	Pedido oficial do Governo da Bolívia para adição de um Protocolo à Convenção Universal de Direitos Autorais para a proteção do folclore
1976	UNESCO-OMPI: Preparação do Modelo de Direitos Autorais para países em desenvolvimento em Túnis
11-15 de julho de 1977	UNESCO: Comitê de Especialistas sobre a Proteção Legal do Folclore (Túnis)
24 de maio de 1978	UNESCO-OMPI: Acordo alcançado entre a Secretaria da UNESCO e da OMPI sobre a salvaguarda do folclore
outubro/novembro 1978	20ª Conferência Geral da UNESCO: Aprovação da Resolução 59 / 2. 1, a fim de "identificar formas de prever o folclore, a nível internacional"
27 de fevereiro de 1979	UNESCO-OMPI: Reunião inter secretariado conjunta com a UNESCO e a OMPI
31 de agosto de 1979	Secretaria UNESCO: Circulação do "Questionário sobre a Proteção de Folclore" aos Estados-membros
7-9 de janeiro de 1980	UNESCO-OMPI: Primeira Reunião do Grupo de Trabalho sobre os Aspectos de Propriedade Intelectual Proteção de Folclore (Genebra)



setembro/outubro 1980	21ª Conferência Geral da UNESCO: Aprovação de um período de trabalho trienal (1981-1983) no domínio da proteção do folclore; adoção da Resolução 5.03, confirmando a importância do folclore e da possibilidade de estabelecimento de regulamentos internacionais para a sua proteção.
9-13 de fevereiro de 1981	UNESCO-OMPI: Segunda Reunião do Grupo de Trabalho sobre os Aspectos de Propriedade Intelectual Proteção de Folclore (Paris)
14-16 de outubro de 1981	UNESCO-OMPI: Primeira Reunião Regional do Comitê de Especialistas (Bogotá)
22-26 fevereiro de 1982	UNESCO: Comitê de Especialistas Governamentais sobre a Salvaguarda do Folclore (Paris)
28 junho - 2 de julho 1982	UNESCO-OMPI: Comitê de Peritos Governamentais sobre os Aspectos de Propriedade Intelectual da Proteção das Expressões do Folclore (Genebra)
31 de janeiro – 2 fevereiro de 1983	UNESCO-OMPI: Segunda Reunião Regional do Comitê de Especialistas (Nova Déli)
23-25 de fevereiro de 1983	UNESCO-OMPI: Terceira Reunião Regional do Comitê de Especialistas (Dakar)
maio/junho de 1983	UNESCO: 116ª sessão do Conselho Executivo da UNESCO; aprovação da Decisão 5.6.2, endossando a continuação dos esforços para a proteção do folclore.
outubro/novembro 1983	22ª Conferência Geral da UNESCO: Aprovação de um novo Comitê de Especialistas Governamentais para realização de análises para a proteção do folclore
8-10 outubro 1984	UNESCO-OMPI: Quarta Reunião do Comitê de Especialistas Regional (Doha)
10-14 dezembro 1984	UNESCO-OMPI: Comitê de Peritos sobre a Proteção dos Aspectos de Propriedade Intelectual de Folclore (Paris)
14-18 janeiro 1985	UNESCO: Segunda Comissão de Peritos Governamentais sobre a Salvaguarda do Folclore (Paris)
outubro/novembro de 1985	23ª Conferência Geral da UNESCO: Aprovação do Projeto de Resolução 15.3, em que a questão da salvaguarda do folclore poderia ser objeto de um instrumento internacional sob a forma de uma Recomendação.
1-5 junho de 1987	UNESCO: Comissão Especial de Técnicos e Juristas para a Salvaguarda do Folclore (Paris)
outubro/novembro de 1987	24ª Conferência Geral da UNESCO: Adoção da Resolução 15.3, endossando a elaboração de um instrumento internacional, sob a forma de uma recomendação, com a salvaguarda do folclore.
1 de junho de 1988	Secretaria UNESCO: Circulação do primeiro esboço da Recomendação, elaborado pela Comissão Especial de Técnicos e Juristas para a Salvaguarda do Folclore (1987)
24-28 de abril de 1989	UNESCO: Comissão Especial de Peritos Governamentais para preparar um projeto de Recomendação aos Estados-membros em matéria de salvaguarda do folclore (Paris)
15 de novembro de 1989	25ª Conferência Geral da UNESCO: Aprovação da “Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular”

FONTE: SHERKIN (1999)

O quadro 1 demonstra a evolução cronológica do processo de construção do conceito de patrimônio imaterial que temos na atualidade, o pontapé inicial foram as recomendações para a salvaguarda da cultura e tradição do folclore.

Dentro deste processo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) tem um papel de extrema relevância, pois o que se tem de definição de patrimônio imaterial provém de anos de pesquisa, discussões, análises e interpretações que nos deram como resultado o conceito do que é patrimônio intangível tanto no âmbito nacional quanto internacional. É relevante mencionar que muitos desses debates foram potencializados pelas disciplinas como antropologia, sociologia e até mesmo nas áreas consideradas interdisciplinares, como é o caso do turismo.

No contexto nacional pode-se destacar o papel do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que em meio a um país marcado pelas lutas políticas e ainda se livrando das amarras impostas pela época da Ditadura Militar e de um nacionalismo exacerbado, conseguiu sobreviver a todas as instabilidades políticas. Criado em 1937, o IPHAN se tornou um órgão responsável pela gestão e preservação dos bens tangíveis e intangíveis que compõem o legado cultural e artístico do Brasil (PEREIRA, 2012). E dispõe de instrumentos legais como o tombamento, para a escolha e salvaguarda destes patrimônios.

Sobre o patrimônio pode-se dizer que:

É representado pelo conjunto de instituições e bens que o homem, herdado e, ou, construído, preserva ou não; mantém ou modifica; enriquece com sua contribuição; ou deprecia, quase sempre por não perceber o seu valor (AZEVEDO, 2000, p.151)

Sob esta perspectiva um dos produtos do Turismo Cultural é justamente o patrimônio imaterial e preservá-lo é de suma importância para a sua valorização. De acordo com o Ministério do Turismo (2003, p.13), o turismo cultural: “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”.

O patrimônio não inclui apenas a herança “morta” de cada povo (sítios arqueológicos, objetos em desuso, herança colonial), mas os bens culturais visíveis e invisíveis, os conhecimentos, documentos e comunicação do que se apropria através das indústrias culturais. Atualmente, o conceito de patrimônio cultural vem sendo ampliado de modo a conter não somente os bens tangíveis, materiais, mas também

os bens intangíveis, incluindo as manifestações, por múltiplas formas, do modo de viver, pensar e agir de uma sociedade (CASTRO, 2007).

O IPHAN e a UNESCO, definem como bens culturais de natureza imaterial as práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; objetos, artefatos e lugares culturais que as comunidades, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

A partir desta definição, observa-se que o patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado e apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade, fator que contribui na promoção do respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. A forma que trabalhamos; o tipo de música que escolhemos; a comida que fazemos etc., são formas culturais que variam conforme a região, conforme a influência adquirida e a forma que nos foi ensinada. Em outras palavras, a cultura “é uma produção histórica, como parte das relações entre os grupos sociais” (PELEGRINI; FUNARI, 2008, p.19).

Diante do exposto, afirma-se que o patrimônio cultural serve de sustentação material e/ou imaterial como sustentação de memória para a criação de laços de identidade, bem como de fixação dessas identidades nos sujeitos sociais. Todo esse processo mobiliza as experiências cotidianas das pessoas e as memórias que envolvem seu passado fortalecendo seus elos com os antepassados e reforçando o sentimento de identidade e continuidade de seus saberes, fazeres, artefatos, prédios, costumes etc.

Neste contexto, ao discutir sobre patrimônio é impossível não mencionar os legados étnicos, isso ocorre porque eles estão intimamente ligados e ajudam a compor o conceito que é patrimônio. Ao tratar de legados étnicos como potencial turístico temos que primeiramente falar sobre o conceito de etnia:

O conceito clássico de etnia remete a noção de origem, cultura, práticas sociais e raça, onde se considera o patrimônio histórico e cultural como elementos de identidade e diferenciação de um determinado grupo, bem como as interações sociais que ocorrem entre este grupo e a sociedade em seu entorno. (BRASIL, 2010, p. 20-21)

Assim, os legados étnicos constituem-se de atividades turísticas envolvendo a vivência de experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos. Esse tipo de turismo envolve as comunidades representativas dos processos imigratórios europeus e asiáticos, as comunidades

indígenas, as comunidades quilombolas e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores norteadores de seu modo de vida, saberes e fazeres.

E o turista que procura este tipo de atividade está em busca de estabelecer um contato próximo com a comunidade anfitriã, participar de suas atividades tradicionais, observar e aprender sobre suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares. Ou ainda pode estar buscando suas próprias origens, um retorno às tradições de seus antepassados.

Segundo IPHAN (2016), o turismo étnico ou o turismo baseado no legado étnico vem se afirmando como uma alternativa frente ao turismo massificado no qual predominava o consumo desenfreado das culturas locais, destacando-o como vetor para o fortalecimento das identidades culturais e para a promoção do etno desenvolvimento em comunidades tradicionais. Como foi citado, os marcos culturais de uma região estão diretamente ligados a elementos culturais tanto físicos quanto imateriais de um determinado grupo social.

É importante ressaltar que a identidade de um grupo social sempre será incompleta em constante processo de formação e definida historicamente (HALL, 2003). O legado étnico de comunidades de imigrantes pode ser visto como promotor e propulsor da atividade turística, pois elementos da cultura como gastronomia, música, dança, monumentos atraem turistas até as localidades que contenham tais particularidades.

A respeito dessa intenção é importante enfatizar que: “[...] pode-se dizer que uma das propostas de turismo de interesse específico que pode ser praticada por muitas pessoas sem chegar à massificação é a do turismo baseado no legado cultural” (BARRETTO, 2000, p. 27).

Por meio dele, os indivíduos estabelecem trocas culturais, manifestando seus vínculos identitários. Para Castells (1999, p.23):

A identidade é um processo social, sendo definida como fontes de significados e experiências construídas [...] a partir da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições de poder e revelações de cunho religioso.

Tais significações são constantemente remodeladas e construídas, isto é, obedecem a processos de seleção e apropriação por parte dos grupos sociais, de

acordo com determinado momento ou contexto histórico. Sodré (1999), corrobora afirmando que:

A identidade afirma-se primeiro como um processo de diferenciação interna e externa, isto é, de identificação do que é igual e do que é diferente, e em seguida como um processo de integração ou organização das forças diferenciais, que distribui os diversos valores e privilegia um tipo de acento. Assim, os indivíduos estabelecem determinados elementos que são apreendidos como traços distintivos de sua cultura, e se tornam alicerce para a construção das identidades (p. 45)

Na contemporaneidade, as identidades tornam-se cada vez mais compartilhadas, sofrendo constantes processos de hibridismo cultural, o que resulta na formação de indivíduos traduzidos, que assumem diferentes posições ou referências identitárias (CANCLINI, 2000). O modo como os imigrantes se instalaram e construíram nos seus territórios de vivência, trazendo as lembranças de seus países de origem, desperta a curiosidade dos turistas e visitantes ávidos por novidades e que relacionam com uma identidade que não faz parte de seu cotidiano ou cultura.

O segmento turismo étnico baseia-se nas novas necessidades de consumo de experiências identificadas e percebidas como autênticas, tanto por parte da demanda turística, quanto por parte das comunidades receptoras. Para Beni (2002), no turismo étnico, os grupos deslocam-se na busca:

[...] de suas origens étnicas locais e regionais, e no legado histórico-cultural de sua ascendência comum. Incluem-se aí ainda aqueles que se deslocam com objetivos eminentemente antropológicos para conhecer “in loco” as características étnico-culturais daqueles povos que constituem o interesse de sua observação. (BENI, 2002, p.145)

Ao relacionar patrimônio cultural oriundo de um legado étnico com o turismo, pretendem-se contribuir para a divulgação da existência dos traços e marcos de uma certa etnia como potencial opção de utilização deles como atrativos de base cultural para inserção deste em complemento à oferta turística da cidade.

Para compreender melhor a respeito Beni (2003), considera como oferta turística a somada matéria-prima da atividade (recursos naturais e culturais, atrativos turísticos, que motivam o deslocamento dos turistas) com o conjunto bens e serviços produzidos para proporcionar o seu consumo, de forma a adequar toda a oferta em uma estrutura de mercado.

Para Boullón (2002), a oferta turística é constituída pelos serviços fornecidos pelos elementos do empreendimento turístico e por alguns bens turísticos, que são comercializados mediante um sistema turística. Assim, classificação de um produto como turístico associa-se ao seu reconhecimento por um sistema turístico, pois, por sua natureza, são serviços oferecidos a qualquer consumidor e em amplo contexto. Distingue-se o processo de venda do produto turístico do convencional pela obrigatoriedade de deslocamento para o local de consumo.

O patrimônio cultural, nesses casos, é entendido um como recurso a ser utilizado como estratégia para o desenvolvimento socioeconômico de muitas comunidades. Assim, muitas localidades têm enfatizado a preservação dos diferentes legados étnico-culturais, objetos e artefatos de significância cultural, bens simbólicos e manifestações populares, inserindo-os no mercado de consumo cultural.

Os bens culturais encontrados no Amazonas e da colônia japonesa podem servir como identidade cultural, tanto para os turistas quanto para a própria população. Mesmo que o turismo seja considerado, segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT), como o deslocamento de pessoas de seu domicílio por no mínimo 24 horas com a finalidade de retorno, o fato é que a população local também pode – e deve – fazer uso dos mesmos locais que os turistas.

Para os moradores se faz relevante a utilização desses elementos como empoderamento da identidade cultural, ajudando a preservar sua dança, gastronomia, música, e remetendo-os ao seu país de origem. Fomentando essa ideia, Bahl (2004), afirma que:

O turismo atuando no âmbito de divulgação de uma cidade, pode servir também como estimulador para o resgate da lembrança viva dos fatos de uma localidade que podem ser trabalhados com a comunidade, melhorando a compreensão do que é visto e entendendo o seu significado. (p. 69)

Dessa forma, pode-se afirmar que os legados étnicos alinhadas à atividade turística vêm reforçando os laços identitários locais, possibilitando valorizar esse legado cultural caracterizador da etnia de uma comunidade e conseqüentemente potencializando a atividade turística de determinada região.

## 2.2 A IMPORTÂNCIA DOS EVENTOS CULTURAIS PARA A POTENCIALIZAÇÃO DO TURISMO

O turismo no Brasil segue em crescimento constante devido aos investimentos seja da iniciativa pública ou da iniciativa privada, eles contribuem para que a atividade turística esteja sempre se expandindo e se abrindo para novos nichos. Entretanto, a pandemia do COVID-19 impossibilitou essa abertura, cabe ressaltar que o turismo foi um dos setores mais afetados. Aqui será abordada a contribuição dos eventos culturais para a potencialização do turismo.

É importante salientar que o turismo é composto por diversos segmentos, dentre os quais podemos destacar o turismo religioso, turismo de aventura, turismo cultural ecoturismo, dentre outros. Todos estes segmentos oferecem um retorno social e econômico nos locais onde são praticados.

Segundo Lima (2004):

O turismo é uma atividade que envolve diversos setores da economia, com relação à utilização de bens e serviços. Gira em torno de vários recursos (compra e venda de atrativos turísticos) e se pode dizer que é uma atividade sistêmica, multidisciplinar e que requer planejamento e organização. É uma atividade vivenciada no tempo livre que proporciona ao ser humano o conhecimento da identidade cultural da localidade visitada, como também pode ser uma vivência de socialização significativa (p. 88).

Neste âmbito, além de ser uma atividade comercial, o turismo possibilita a socialização e o conhecimento da identidade cultural do local visitado. A utilização de bens e serviços se faz necessária para que o turismo ocorra, mas no caso específico da atividade em si o que conta são as experiências, pois o produto turístico é a vivência, a imersão em uma nova cultura, os momentos vividos e compartilhados.

Considerando que esta pesquisa tem como objeto de estudo o Festival Bon-Odori e que nosso foco foi investigar sua potencialidade enquanto evento turístico, trazemos o conceito de evento. Para Zanela (2008):

Evento é uma concentração ou reunião formal e solene de pessoas e/ou entidades realizada em data e local especial, com objetivo de celebrar acontecimentos importantes e significativos e estabelecer contatos de natureza comercial, cultural, esportiva, social, familiar, religiosa, científica, entre outros (p. 01)

São muitos os autores que discutem acerca do conceito de evento, e de modo geral os conceitos convergem, pois, os eventos configuram-se como acontecimentos

que são planejados previamente, e que têm como objetivo reunir atrações que atraiam o seu público-alvo. As motivações podem ser de cunho religioso e cultural como é o caso do Festival Bon-Odori que atualmente é realizado em algumas cidades brasileiras como forma de preservar e disseminar a cultura nipônica e contribuir com a diversidade cultural no Brasil.

O festival Bon-Odori está dentro do chamado turismo étnico, pois, ele é um evento que envolve as comunidades representativas dos processos imigratórios europeus e asiáticos, as comunidades indígenas, as comunidades quilombolas e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores norteadores de seu modo de vida, saberes e fazeres. O festival faz parte da tradição cultural japonesa.

Os festivais ocorrem nos mais variados tipos e atraem milhares de turistas para o local onde são sediados, além de estarem especificamente no destino por conta do evento, os turistas acabam tendo curiosidade de conhecer um pouco da cultura local, suas iguarias, tradições e costumes e isso gera um fluxo turístico, alguns passam mais tempo nas cidades do que o tempo previsto. Sobre o conceito de festival Gratton e Taylor (1995) dizem que:

No caso concreto dos festivais, há, de fato, uma grande variedade de tipos, alguns festivais concentram-se apenas numa forma de arte. Outros incluem atividades em muitas formas de arte. Para além de quase todos os géneros de música, existem festivais de dança, drama, cinema, literatura, poesia etc. e um sem-número de combinações inovadoras de formas de arte. De fato, a diversidade de festivais é tão grande que há muito de verdade em um comentário de um membro da organização de um festival que refere que a única coisa que têm em comum é o título. Apesar desta diversidade, todos partilham uma característica comum: a intensidade da produção artística concentrada no tempo e delimitada com objetivos bem definidos (p. 226).

Assim, com diversidade e grande variedade, os festivais proporcionam à comunidade local uma programação cultural por um período determinado e configuram-se como uma oferta cultural que pode atrair não só pessoas da comunidade, mas também de fora dela e promovendo desta forma a socialização e o lazer que são típicos das atividades turísticas.

Considerando que o festival se configura como um evento é importante trazermos o conceito do turismo de eventos, pois, para este setor os eventos são considerados um importante potencializador da atividade turística, possibilitando o desenvolvimento de destinos e atrativos. Para Nakane (2000, p. 54) o turismo de



eventos contribui “na divulgação dos atrativos naturais, culturais e sociais da região sede do evento e usa os recursos em momento de baixa estação, ou seja, quando sua procura não é tão significativa por parte dos turistas de lazer”.

É importante enfatizar que além de aspectos positivos como inclusão social, enriquecimento cultural da população local através do intercâmbio cultural, melhora da infraestrutura local, o turismo de eventos também acarreta uma série de impactos negativos, dentre os quais podemos destacar: maior produção de lixo, o aumento de transporte o que acarreta no aumento da poluição, desmatamento provocado pela construção de alguma estrutura para o evento, dentre outros.

No que se refere à importância dos eventos culturais para a potencialização do turismo, podemos afirmar que caso dos festivais tradicionais (como é o caso do Festival Bon-Odori), constituem-se como um excelente instrumento para atrair visitantes. Muitos eventos culturais da mesma natureza surgiram recentemente e configuram-se como parte da estratégia de desenvolvimento e potencialização do turismo.

### 3 O PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresenta-se a metodologia da pesquisa, os instrumentos para a coleta de dados, bem como a discussão dos resultados obtidos. Dencker (2007), destaca que a metodologia está relacionada com os objetivos e a finalidade do projeto e deve descrever todos os passos que serão dados para atingir o objetivo proposto.

A escolha da metodologia adequada irá variar conforme os objetivos da pesquisa e o problema que está sendo investigado. Indo ao encontro desta perspectiva, Fonseca (2010), diz que a metodologia é a definição dos procedimentos técnicos, das modalidades de atividades, dos métodos que serão utilizados na pesquisa.

Esta investigação objetivou analisar o Festival Bon Odori enquanto evento turístico cultural em Manaus e Iranduba. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental com abordagem qualitativa na qual estrutura-se com as etapas metodológicas: levantamento bibliográfico, pesquisa documental, entrevista, análise dos dados coletados e por fim a exposição dos resultados.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa possui características de uma pesquisa qualitativa, pois aprofundou o conhecimento acerca da temática abordada e para tal não foi feito o uso de dados quantitativos, somente qualitativos. Segundo Minayo (2001):

Os autores que seguem tal corrente não se preocupam em quantificar, mas, sim, em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, a experiência, a cotidianidade e com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada. Ou seja, desse ponto de vista, a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis. (p. 22)

Sob este prisma, a abordagem qualitativa está relacionada ao levantamento de dados, na compreensão e interpretação dos fatos. É exploratória e descritiva. Não procura números como resultados, mas, por método indutivo, encontra resultados sobre uma problemática. Assim, as pesquisas qualitativas possuem características multimetodológicas, e utilizam-se de métodos e instrumentos de coleta variados.

Este estudo também se enquadra enquanto estudo exploratório descritivo, pois conforme Gil (2010) a pesquisa exploratória possui como objetivo principal: “[...] o aprimoramento de ideia ou a descoberta de intuições” (p. 45), neste contexto a partir de outras obras pesquisadas, relatadas e interpretadas. E configura-se como descritivo, pois nos propusemos: “[...] levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população” (p. 46). Assim através do estudo das características culturais de um determinado grupo, aqui no caso a comunidade japonesa presente em Manaus e a manifestação cultural do Festival Bon Odori.

É importante frisar que nossa intenção era ir a campo para acompanhar a realização deste festival e coletar relatos da comunidade japonesa presente, bem como a dos simpatizantes da cultura nipônica. No entanto, devido a atual situação pandêmica, o campo limitou-se a um levantamento de caráter bibliográfico e documental.

### 3.2 UNIVERSO DA PESQUISA

Em consonância com Vergara (1997), o universo e ou amostra da pesquisa caracteriza-se como o conjunto dos elementos que possuem as características que serão o objeto da pesquisa, assim a amostra compõe o universo da pesquisa.

De acordo com Lakatos e Marconi (2010), após se determinar o universo com qual se irá trabalhar faz-se necessário definir uma amostragem que possibilite investigar uma parte da população total, de modo com que tal parcela traga resultados mais aproximados possíveis do todo, caso seja possível verificá-lo. Para alcançar os objetivos propostos, a população da pesquisa delimitou-se nos atores (a comunidade nipônica) envolvidos com a cultura local e/ou com o Festival Bon Odori realizado pela comunidade nipônica presente em Manaus e Iranduba, assim como a Associação responsável pelo evento.

### 3.3 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

O estudo configura-se unicamente como pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, na qual levantamos os conceitos que serviram de norte para esta investigação e porque nosso objetivo foi buscar na literatura as contribuições dos

estudiosos que debatem acerca da cultura japonesa, de patrimônio, identidade e sua relação com o turismo.

Segundo Prodanov (2013), a pesquisa bibliográfica é:

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos 24 científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar. (p. 54)

Neste sentido, além de fornecer os conceitos que norteiam o estudo o levantamento bibliográfico possibilita uma reflexão feita a partir da ótica de vários estudiosos. Andrade (2010) corrobora afirmando:

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. [...] Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (p. 25).

Desse modo, o pontapé inicial para toda e qualquer pesquisa é a revisão de literatura, pois é através dela que entramos em contato com os conceitos e fontes que nortearam toda a investigação. A pesquisa se inicia na concepção da ideia de abordar o festival como temática onde surgiu ao participar da última edição do festival em 2018. A elaboração do pré-projeto serviu para alinhar e definir as etapas que foram seguidas, assim realizou-se o levantamento de dados sobre o referido tema, na sequência, a escolha do tema foi definida em março de 2021, a partir deste período procedeu-se a pesquisa bibliográfica e documental, para tal contamos com as contribuições de autores que discutem sobre cultura japonesa, patrimônio, eventos turísticos e turismo cultural, dentre os quais destacamos: Azevedo (2000), Beni (2002), Castro (2007), Pelegrini e Funari (2008), Sherkin (1999), entre outros. Nos documentos, foram analisados e coletados a respeito dos eventos ocorridos em 2017-2018 através da coleta de documentos públicos (jornais, posts em redes sociais, artigos, revistas) ou privados (registros pessoais, diários, cartas, e-mails). Foram pesquisados registros fotográficos publicados em rede sociais da própria organização,

assim como fotos de participantes. Dentre vários documentos analisados para os fins dessa tese, cabe destacar a entrevista semiestruturada realizada novembro com os devidos autores responsáveis pelo festival e culminou na exposição dos dados coletados, que foram apresentados na defesa do TCC.

### 3.4 COLETA DE DADOS

Quanto aos instrumentos de coleta Dencker (2007) diz que os instrumentos de coleta variam conforme a informação que se deseja obter. Para construirmos um instrumento de coleta necessitamos verificar as variáveis que foram pesquisadas, uma vez que estas são os elementos que pretendemos medir de forma concreta.

Para esta investigação optou-se pela entrevista como instrumento de coleta de dados. Ela caracteriza-se como: “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto” (Marconi & Lakatos, 2010, p. 94). A entrevista é mais flexível e independe de grau de estudo para as pessoas entrevistadas, há também a possibilidade de coletar dados que não estão documentados, as informações são mais precisas, o que oportuniza não somente uma quantificação de dados a um tratamento estatístico, mas uma análise qualitativa de suas falas.

A entrevista seguiu o tipo estruturada com um total de dez questões abertas, e foi direcionada à Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental- Nippaku Manaus, para que eles nos fornecessem os dados necessários à pesquisa.

### 3.5 MÉTODO

Os métodos específicos têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos para garantir a objetividade e a precisão no estudo dos fatos. Eles fornecem a orientação necessária à realização da pesquisa, sobretudo no que se refere à obtenção, processamento, análise e validade dos dados pertinentes à problemática que está sendo investigada (MICHEL, 2009).

Esta pesquisa segue o método indutivo com base em Lakatos e Marconi (2010, p. 86) o método indutivo é:

Um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não

contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam (p. 86)

A classificação dessa investigação como indutiva, deve-se em função das informações particulares à cultura japonesa que foram coletados, foi possível identificar dados sobre a contribuição da cultura da terra do sol nascente para o fortalecimento da diversidade cultural do Amazonas bem como sua relação para a potencialização do turismo em nossa região.

### 3.6 ANÁLISE DE DADOS

Por se tratar de uma pesquisa de cunho documental e bibliográfica com abordagem qualitativa, a análise dos dados deu-se por meio dos dados que foram coletados nestas fontes e junto a entrevista feita com um representante da associação japonesa em Manaus. A análise foi feita a partir das informações coletadas em fontes secundárias como: periódicos, revistas, dissertações, livros, documentos, portais online, dentre outros. A entrevista realizada junto ao representante da Associação Japonesa caracteriza-se como fonte primária.

Desse modo, a análise dos dados possibilitou o conhecimento acerca da temática pesquisada e a compreensão quanto a relevância do Festival Bon-Odori para a comunidade japonesa e o para os simpatizantes residentes em Manaus e Iranduba.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, será apresentado os resultados da investigação, para isso, inicia-se com um recorte teórico da chegada dos primeiros japoneses ao Brasil e na sequência em Manaus. Foram sistematizadas de forma textual as contribuições de autores que abordam a temática da diversidade cultural no âmbito nacional e que tratam da cultura japonesa.

Ao imigrar para outros países os imigrantes trazem consigo referências no que se refere à alimentação, arte, literatura, música, religião, educação, dentre outras particularidades. O objeto de estudo dessa pesquisa concentra-se no contexto dos festivais realizados pelo povo japonês, mais especificamente o Festival Bon-Odori que é realizado pela comunidade japonesa e simpatizantes que residem em Manaus e Iranduba.

### 4.1 OS PRIMEIROS JAPONESES NO BRASIL: UM BREVE RECORTE HISTÓRICO

Antes de mais nada é necessário compreender que imigração se trata de um conceito complexo que inclui experiências pessoal e coletivas de pessoas e ou grupos sociais. Para Lang (2007, p. 15) “a migração é estudada a partir das fases do percurso migratório”. Isso quer dizer que envolve os fatores citados anteriormente e uma leva de outros. Ainda segundo Lang (2007):

Migração é o movimento de pessoas no espaço físico e social, em caráter definitivo ou por tempo longo. Trato de migração internacional, observando que emigração e imigração são duas faces de um mesmo fenômeno, o processo migratório [...] imigração se trata da permanência no estado destino. (LANG, 2007, p. 16)

Mediante a esta contribuição do autor supracitado entendemos que os termos emigração e imigração são faces distintas do mesmo fenômeno e que este processo ocorre em sua maioria em busca de condições de uma vida com uma melhor qualidade do que a que se vivia em seu país de origem.

Vale (2007) corrobora com o pensamento de Lang (2007) dizendo que:

A migração é vista como um fenômeno positivo, que possibilita a transferência de excedentes populacionais de um setor para outro. O migrante é um portador de trabalho, fator positivo que, combinado com os fatores terra e capital, apresenta interesses para os processos de

desenvolvimento econômico. O espaço é tido como 'equilibrado' ou 'desequilibrado', conforme a combinação dos fatores citados (p. 41).

As palavras de Vale (2007) reforçam o pensamento de Lang de que aos migrantes cabe “a responsabilidade” de levar avanços do trabalho para o local onde se estabelecem.

Após a compreensão brevemente do conceito de migração e como se dão os processos migratórios, adentra-se à chegada dos primeiros japoneses em terras brasileiras. Em consonância com dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a imigração de japoneses para outros países teve início na década de 1870, quando o Japão passava pela Restauração da Era Meiji (1868), e o país se abriu para o mundo ocidental.

Segundo Hiratsuka (2004) os primeiros imigrantes japoneses chegaram a Santos, no litoral do estado de São Paulo, em 18 de junho de 1908, no navio Kasato Maru<sup>3</sup>, com 781 pessoas. Vinham em busca de melhores condições de vida para trabalhar como colonos nas fazendas de café, com a intenção declarada de voltarem para o Japão. Isto era o fenômeno dekasgui (MORIWAKI; NAKATA, 2008, p. 16) que significa: “sair da sua terra para ir à procura de trabalho rentável em outra localidade” , que posteriormente aconteceria em mão inversa, com descendentes de japoneses saindo do Brasil para buscar melhores empregos e condições de vida no Japão, sobretudo na década de 1980.

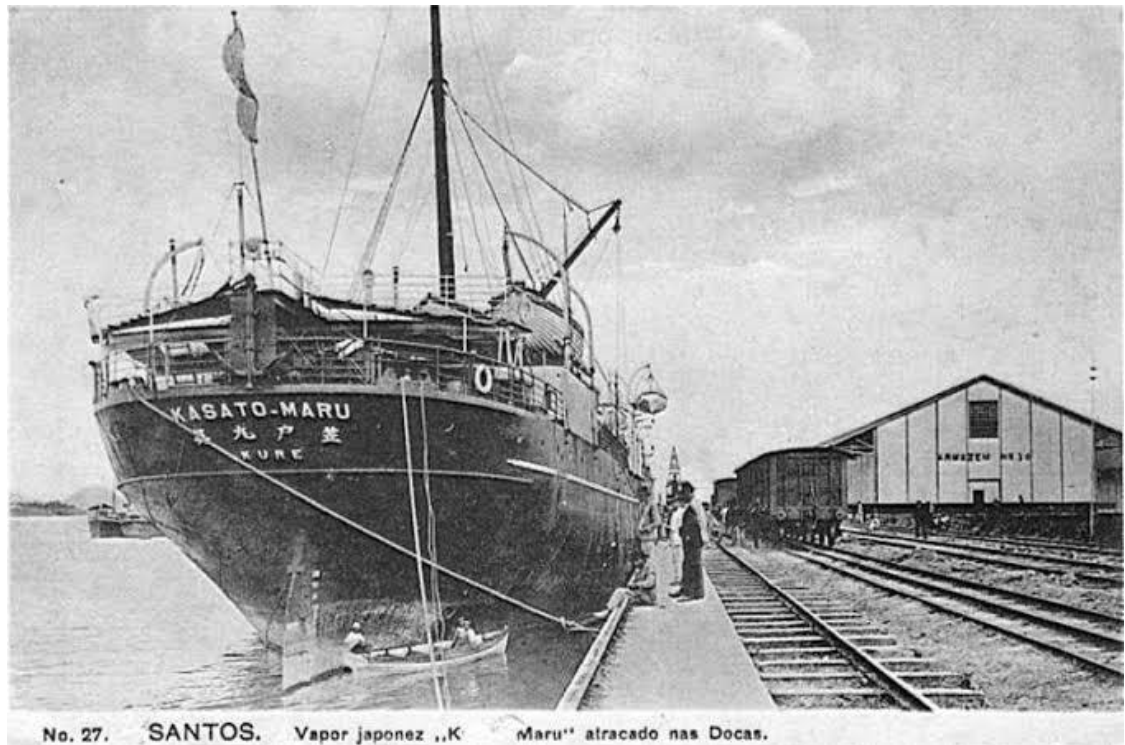
A imagem a seguir apresenta o Navio Kasato Maru aportado no porto de Santos, a imagem data do ano de 1908, ano de chegada dos primeiros japoneses em terras brasileiras. O navio naufragou no mar de Bering em 1945 após ser bombardeado por russos.

---

<sup>3</sup> O navio Kasato Maru deixou o porto de Kobe, no sul do Japão, três meses antes da chegada ao Brasil. Considerando que essa embarcação japonesa seria a quinta a emigrar famílias japonesas para trabalhar em um país estrangeiro (MUTO, 2010).



Figura 1- Navio Kasato Maru em 1908



Fonte: [www.mundonipo.com](http://www.mundonipo.com) (2015)

Depois de um tempo, muitos compraram terras e formaram comunidades, principalmente no interior de São Paulo e Paraná. Os maiores núcleos de concentração dessas populações foram constituídos no noroeste paulista e no Vale do Ribeira, onde se dedicavam à sericultura e ao cultivo de chá. Até final da década de 1940, havia no Brasil aproximadamente 160 mil japoneses (HIRATSUKA, 2004).

Segundo Lima (2007), durante o ano de 1915, a primeira colônia japonesa no Estado de São Paulo é assentada. A colônia Hirano, fundado por Unpei Hirano, foi a colônia que demarcou o início da colonização japonesa no Brasil. De acordo com Sato (2007) o fato de o Japão estar situado geograficamente em uma ilha que passou cerca de mil e quinhentos anos em isolamento com relação ao ocidente, tendo suas influências basicamente através de outras nações orientais, o que resultou em tornar seus hábitos e crenças mais do que particulares.

Corroborando com esta premissa, Masao (2008), menciona sobre as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes japoneses no Brasil, além da questão linguística com idiomas completamente opostos, outras diferenças culturais se sobressaíam entre os dois povos. O autor supracitado também enfatiza o preconceito vivenciado pelos japoneses, em especial no âmbito da Segunda Guerra Mundial

quando os acordos comerciais entre Brasil e Japão foram suspensos pelo fato do Japão fazer parte do Eixo, junto com Itália fascista e Alemanha nazista.

Moriwaki e Nakata (2008) mencionam que:

Com a Segunda Guerra Mundial, ficando o Japão inimigo dos aliados e, conseqüentemente, do Brasil, assim como foi proibido falar e escrever em japonês, os bens dos imigrantes foram confiscados e houve muitas atitudes de discriminação, durante todo o período da guerra. Mesmo durante alguns anos após a guerra, o ensino de língua japonesa praticamente não apresentou nenhuma evolução (p. 66).

Este é o período conhecido como “Período Vazio” (1946-1950) durante este tempo os japoneses sofreram um tipo de censura imposta pela Era Vargas (como ficou conhecido o governo do então presidente da república 1930 a 1945), na qual eles eram proibidos de demonstrar publicamente os elementos de sua cultura como objetos e principalmente o uso ou ensino da língua japonesa (SAKURAI, 2008).

Consonante a Lima (2007), ao fim da Segunda Guerra Mundial, a retomada da imigração começa a “reaquecer” a influência da cultura japonesa, principalmente nas regiões sul e sudeste do Brasil, mais especificamente São Paulo e Paraná. Com isso a presença nipônica se estabelece definitivamente em terras brasileiras e passa a ser agregada à nossa cultura. Neste processo os japoneses passaram a preservar e disseminar sua cultura e os brasileiros chegam a até ela atraídos pela culinária, esportes tradicionais, pela língua japonesa, pelos animes e mangás e pelos festivais exaltando o Japão que aqui são realizados pelas comunidades nipônicas-brasileiras.

Desse modo o Brasil tornou-se e é até hoje o país do ocidente que possui a maior colônia japonesa fora do Japão e aqui a cultura japonesa tem sido amplamente difundida, passando “de país acostumado a assimilar características do ocidente” a país influenciador (SAKURAI 2008, p.339).

Mediante ao exposto nesta seção foi possível compreender de como se deu a chegada dos primeiros japoneses em território brasileiro e qual sua relevância no contexto histórico-cultural e socioeconômico. A seção a seguir adentra no recorte histórico da chegada dos japoneses na região norte, mais especificamente na Amazônia.

## 4.2 IMIGRANTES JAPONESES NA AMAZÔNIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os escritos de Handa (1987) mencionam que:

A partir da entrada dos migrantes no país, a quantidade de trabalhos alternativos no porto de Santos gerou atualmente o bairro da Liberdade em São Paulo, o que permitiu a renda para a compra de terras e enfim tornarem-se colonos. E que, no decorrer dos anos, as terras foram concedidas a partir de acordos tratados entre o Governo Estadual do Pará e Amazonas e o Governo do Japão (p. 40)

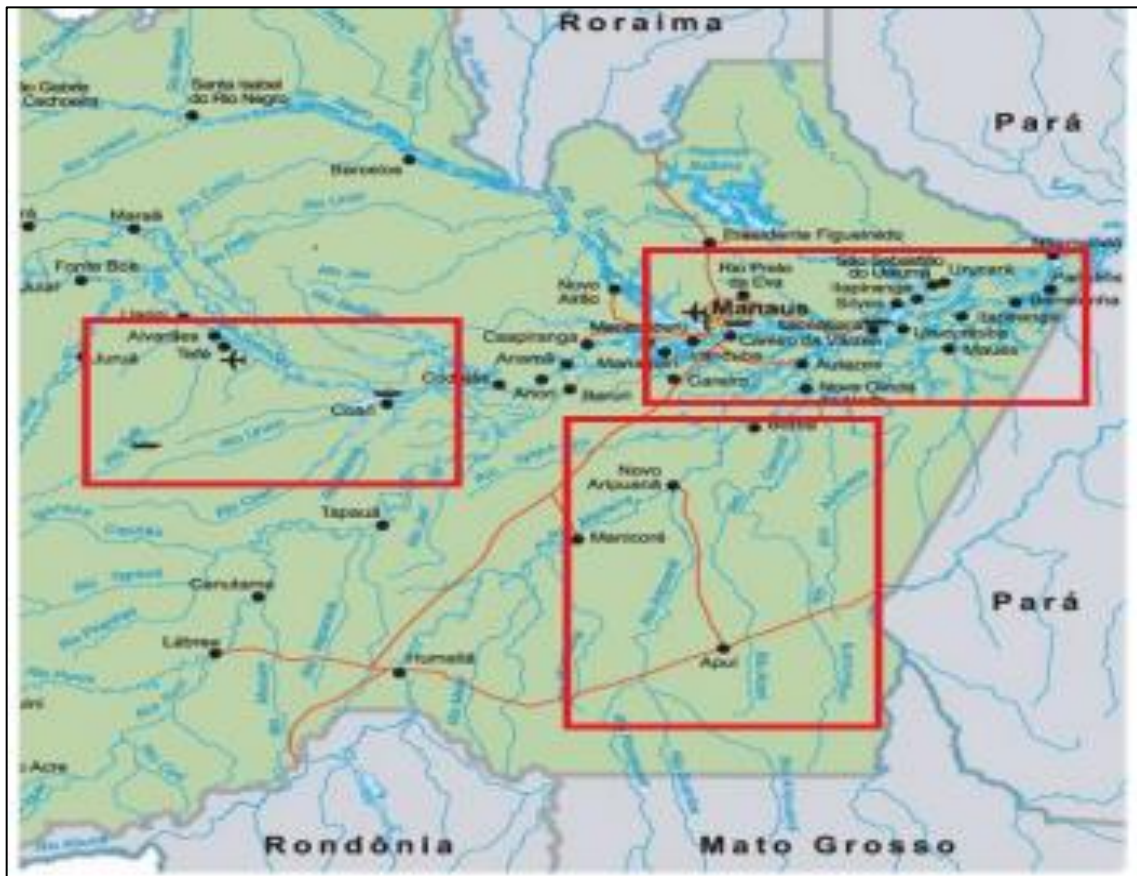
Homma (2003) e Reis (1982) mencionam que o processo de migração japonesa na Amazônia, se deu dialogando sobre o início da migração no Pará e, em seguida, da migração para o Amazonas. Abordam também os tramites políticos e econômicos pelo qual a migração perpassou durante o final da década de 1920.

De acordo com as palavras de Reis (1982), os achados históricos afirmam que os primeiros japoneses chegaram à Região Norte no ano de 1923 quando o governador do Pará, Antônio Emiliano de Sá, demonstrou interesse de mais imigrantes a fim de enriquecer a mão-de-obra local. Pensando em fazer o mesmo, o então governador do Amazonas, Efigênio Salles, envia um convite para que o embaixador e sua comitiva visitem o estado. O acordo assinado pelo Kinroku Awazu, secretário e intérprete do embaixador, constava de uma concessão de 1.000.000 de hectares de terras para atividades agrícolas, sendo 25.000.00 destes destinado à plantação de guaraná.

Feitos os primeiros acordos de concessão de terras entre o governo federal e o governo japonês a colonização japonesa teve seu começo. As primeiras áreas dentro do estado do Amazonas foram delimitadas:

A primeira limitada pelos rios Sucunduri, Canumã, Madeira e Amazonas, na margem direita, e Paraná do Ramos, rios Maués e Parauari, na margem esquerda, limitando pelos fundos ao sul [...]; outra, no rio Solimões, na margem direita, entre os rios Tefé e Coari [...]; e a terceira no rio Negro, na margem direita, limitada pelos rio Caburi, margem direita, e Timbira, margem esquerda [...]. (REIS, 1982, p. 141-142).

Figura 2- Regiões dispostas aos japoneses colonizarem (1927)



Fonte: <http://www.guiageo.com/amazonas.htm>

Estas áreas foram assim escolhidas por estarem próximas à capital Manaus e se estenderam para cidades próximas como Maués, Parintins e o que hoje é a região de Iranduba, na zona metropolitana de Manaus. Lima (2020), afirma que a presença de japoneses na cidade de Parintins é visível a partir da década de 1930, quando os japoneses chegaram na cidade após a vinda de Tsukasa Uetsuka, Katsuki Terada e Isamu Miwa em 1928, para demarcar a terra de acordo com a segunda cláusula da concessão de terras. O município possui a maior colônia japonesa no Amazonas. Souza (2011) nos afirma que os japoneses ajudaram diretamente na urbanização de Parintins com a construção de um hospital, uma escola, um templo para reuniões, olarias, serrarias, armazéns e casas.

De acordo com Lourenção (2015) neste processo:

Foi fundada a Companhia de Desenvolvimento de Maués, que mais tarde (1940) viria incorporar-se à Companhia do Desenvolvimento Industrial da Amazônia, em Parintins. O primeiro contingente de 50 colonos com destino à Amazônia chegou ao município de Maués-AM no início de 1930. O segundo

contingente, constituído de 66 pessoas, desembarcou no mesmo local em 23 de julho de 1930. Nesse ano, a Companhia de Desenvolvimento Industrial da Amazônia abrigava 195 pessoas. Em 20 de junho de 1931 chegavam à Vila Amazônia (ex- Vila Batista), no município de Parintins-AM, 35 alunos integrantes da primeira turma da Escola Superior de Colonização do Japão 'Kokushikan' (Kokushikan Koto Takushoku Gakko), sendo responsáveis pela introdução da Juta na Amazônia, contribuindo significativamente por três décadas (1940/50/60) para o desenvolvimento da economia local. (LOURENÇÃO, 2015, p. 184-185)

Em 1953, após oito anos do fim da Segunda Guerra Mundial deu-se continuidade a chamada Retomada de Imigração No Estado do Amazonas. Chegou à Colônia Bela Vista a sua primeira leva de vinte e três famílias, em doze de setembro de 1953; cinco anos depois, em 10 de novembro de 1958, chegaram dezessete famílias com cento e dezessete imigrantes para a primeira leva da Colônia Efigênio Salles. Em 1967, formou-se a Colônia de Cachoeira Grande, com oito famílias da Colônia Bela Vista. Estas colônias existem até hoje (CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA NIPO-BRASILEIRA DO AMAZONAS, 2007)

Lima (2020) afirma que maior colônia japonesa do Estado do Amazonas é a mesma que atualmente preserva, na cidade próxima, as memórias dos anos anteriores a Segunda Guerra Mundial. Após visitar a cidade de Manaus, Tsukasa Uetsuka (um dos auxiliares do Governo do Japão) para colonizar a área que fora obtida e concedida pelo Governo do Estado. O local, na confluência dos rios Paraná do Ramos e Amazonas, possuía condicionantes geográficos favoráveis e o solo era propício às culturas de ciclo rápido, e à adaptação das sementes de juta indiana, o qual ainda seria um teste.

Tsukasa Uetsuka pretendia fazer da colônia o modelo de uma instituição experimental, cuidando de todos os aspectos de uma colônia, tais como: o custeio das famílias, as finanças de toda a colônia e os problemas de saúde e educação; com o intuito de obter uma sólida experiência administrativa. Portanto, inicia um plano econômico e geográfico para escolher qual seria o melhor local para se iniciar a colônia-modelo (LIMA, 2020).

Diante do exposto, foi possível compreender de forma sucinta como deu-se a vinda dos primeiros japoneses para a Amazônia, a forma como eles contribuíram diretamente para o desenvolvimento da agricultura, não só no estado, mas no âmbito nacional também. E desde lá já são mais de 100 anos de parceria entre dois países com culturas tão distintas que se misturaram impactando nas construções histórico-

culturais de ambas as sociedades, bem como no fortalecimento da diversidade cultural no Brasil.

#### 4.3 CONHECENDO O FESTIVAL *BON-ODORI*

A cultura japonesa, é objeto de estudo de muitas pesquisas, e isso deve ser atribuído ao fato de que o Japão permaneceu por mil e quinhentos anos quase intocado por sua localização geográfica e pelo fato de ser uma ilha. As poucas influências culturais e tecnológicas externas, geralmente advinham de outras culturas orientais. Tal fato permitiu que as crenças crescessem e evoluíssem conforme as influências orientais, fortalecendo seus hábitos e suas manifestações culturais.

Com o passar dos anos e o processo de imigração para diversos países havia a possibilidade de que algumas crenças e costumes pudessem se perder à medida que chegavam em um país novo. Entretanto ocorreu justamente o oposto, e essa é uma das marcas dos japoneses, que onde chegam fazem questão de enaltecer seus costumes, suas crenças e sua cultura. Foi o que ocorreu com o Festival Bon-Odori que atualmente é realizado em algumas cidades brasileiras como forma de preservar e disseminar a cultura nipônica e contribuir com a diversidade cultural no Brasil.

Conforme as palavras de Eliade (2001) o mito de origem que fundamenta o Bon-Odori seria a narrativa de um discípulo do Buda Histórico, Sakyamuni, chamado Mokuren<sup>4</sup>. Após a morte de sua mãe, ele teria sido capaz de enxergá-la na dimensão dos “espíritos” famintos (ANDRÉ, 2014). No interior do imaginário budista, o espírito encontra-se preso num ciclo de mortes e renascimentos denominado samsara<sup>5</sup>, movido, por sua vez, pelo carma que seria o reflexo das ações individuais ao longo desta e de outras vidas.

Sobre a construção da origem que fundamenta o Bon-Odori Kunbota (2006) corrobora:

Ao ver sua mãe na situação de penúria *Mokuen* levou comida para ela, porém, cada vez que ele se dirigia àquele plano para alimentá-la a comida se

---

<sup>4</sup> O Buda Histórico é a forma como é chamado Sidarta Gautama ou *Sakyamuni*, o fundador do Budismo na Índia do século VI a.C. (ELIADE, 2011). No entanto, de acordo com textos posteriores, teria havido outros budas anteriores a Sakyamuni. Um deles seria Amida, cultuado como uma divindade que residiria numa espécie de paraíso denominado *Jôdo* ou Terra Pura (AMIDAKYO, 2004; BUDISMO, 2013).

<sup>5</sup> Palavra sânscrita que significa “fluir”, “seguir em frente”. Princípio hindu da metempsicose, da transmigração das almas de uns corpos para outros- <https://www.dicionario.priberam.org>

transformava em fogo e queimava sua boca. *Mokuen* então, ora demoradamente pedindo a Buda que ajudasse a aliviar a dor e sofrimento de sua mãe. Buda o aconselhou a no dia 15 de Julho, manter todos os monges de sua localidade enclausurados dentro de um grande mosteiro, para que eles ficassem ao menos um dia sem pisar nos pequenos insetos e flores. Nesse dia combinado *Mokuen* preparou um banquete em homenagem à sua mãe e trancou todos os monges no local. Foi feita tanta comida que os monges passaram todo o dia comendo, bebendo e cantando, e ninguém se lembrou de sair do mosteiro. Ao fim do dia o espírito de sua mãe apareceu transformada em um ser do 6º Plano Astral. Ela estava tão iluminada e leve que chegava a flutuar. Ao ver sua mãe iluminada e flutuando como um *tyôtin* (lanterna japonesa) ao vento, *Mokuen* começou a dançar de alegria. Os monges, que estavam tão alegres o seguiram, acabando por formar uma grande roda, simbolizando o círculo da felicidade. Assim surgiu o Bon Odori, como dança que faz homenagem ao espírito de pessoas falecidas (p. 16)

Através das palavras da autora é possível compreender de forma mais detalhada como se deu a criação do mito do Bon-Odori em especial no que se refere a todos os símbolos que compõem o festival, como as danças, os incensos, as vestimentas e o uso das *tyôtin*<sup>6</sup> que são utilizados como forma de homenagear seus entes queridos falecidos e de agradecer por sua salvação no plano astral.

Figura 3- Tyôtin- luminária japonesa



Fonte: <https://www.galeria77.com.br> (2021)

<sup>6</sup> São as lanternas japonesas, no qual são penduradas os “*tanzaku*” (tira de papel, onde é escrito o nome da pessoa falecida), como uma forma de homenagem póstuma ou de gratidão pela salvação do ancestral – <https://www.diariotupa.com.br>

A imagem acima ilustra as luminárias japonesas que são utilizadas na realização do Bon-Odori, no caso do festival no local onde está pendurado o adorno na parte de baixo da luminária, é colocado os tanzaku, tiras de papel com o nome da pessoa falecida.

O Bon-Odori tem como tradução e significado literal “Dança dos finados”, e no Japão é realizado no contexto do Obon Matsuri (“Festival dos Finados”), comemorado a partir do dia 15 de agosto. Segundo Fujii (1983), o festival é realizado nesta época, pois, acredita-se que os espíritos dos ancestrais retornariam do mundo espiritual, exigindo uma série de ritos especiais nos relicários domésticos denominados butsudan (literalmente, “altar dedicado aos budas”), nos túmulos e nos templos budistas.

Conforme André (2014), o Bon-Odori pode ser caracterizado como:

Um ritual mortuário com o objetivo de permitir que os espíritos consigam transmigrar para outros círculos espirituais, aliviando seus possíveis sofrimentos. No entanto, é válido ressaltar que, no Japão, ele foi ressignificado, na medida em que o retorno dos mortos ao universo dos viventes parece diferente das representações do Budismo indiano voltado para a questão do *samsara* alimentado pelo princípio cármico. Como indicado, a devoção ao Buda Amida ou Amidismo, representado em território japonês pelas escolas de Terra Pura, é arquitetada sobre a crença num paraíso post mortem, de modo que o princípio do *samsara*, elemento fundamental do *Hinayana*, parece não fazer parte de seu repertório (p. 06)

De acordo com o autor supracitado o Bon-Odori é realizado com o intuito de possibilitar aos espíritos, meios de circularem em outros círculos espirituais a fim de que possam se libertar de possíveis sofrimentos inculcados no âmbito do pós morte. Para tal, são feitas danças circulares em torno de indivíduos que tocam tambores (taiko), utilizando movimentos baseados em atividades cotidianas (como a colheita e a pesca), durante o ritual ocorre a queima de incensos.

As Figuras 4 e 5, apresentam uma edição do Bon-Odori que foi realizada em Araçatuba no interior do estado de São Paulo. Nela podemos ver a disposição das luminárias mencionadas anteriormente.



Figura 4- Bon-Odori em Araçatuba



Fonte: [www.stockphoto.com](http://www.stockphoto.com) (2021)

Figura 5- A dança do Bon-Odori em Bangkok



Fonte: [www.depositphotos.com](http://www.depositphotos.com) (2018)

Nas imagens das Figuras 4 e 5, temos a realização do Bon-Odori em Bangkok, nela é possível observar a dança do Bon-Odori que é feita pelas mulheres e os homens são os responsáveis pela música que é feita através dos taikôs que são os tambores japoneses.

A realização dos ritos do Bon-Odori gera uma animosidade que faz com que os ocidentais estranhem o modo como alguns orientais lidam com a morte através da música, da dança e da realização de banquetes. É apenas uma forma diferente de lidar com a morte que vai de encontro com o que ocorre no ocidente, que tem uma concepção de morte que passou a ser estruturada na Europa desde o século XVIII (ARIÈS, 1989), onde celebrar e festejar com música e dança a morte de algum ente querido é sinônimo de desrespeito. É importante mencionar que isso muda de acordo com a crença religiosa de cada um.

Cabe frisar que:

A mitologia do Bon-Odori faz parte da vertente Mahayana do Budismo que se desenvolveu, sobretudo, em regiões como China e Índia. O *Mahayana* ou “veículo do grande caminho”, em contraposição ao *Hinayana* (“veículo do pequeno caminho”), é um ramo que, originado da Índia, remete a uma flexibilização das concepções e práticas, mais abertas à comunidade leiga. O *Hinayana* desenvolve práticas rigorosas voltadas para alcançar a iluminação acessível talvez apenas à comunidade monástica, na medida em que os leigos seriam responsáveis quase exclusivamente pela manutenção dos monges (WEBER, 1958, p. 89)

Com base na afirmativa de Weber (1958), a vertente do budismo a qual o Bon-Odori faz parte se desenvolveu na Índia e na China e surge em contraposição ao Hinayana que afirmava que a iluminação era acessível apenas à comunidade monástica

As concepções sobre a morte no ocidente e no oriente diferem em muitos pontos, o mais relevante a ser discutido aqui é o fato de que nas crenças cristãs o “bom morto” é aquele que morre e se vai completamente da esfera doméstica e após o seu enterro o desejo é que possa descansar em paz. Enquanto no oriente o “bom morto”, entenda-se o ancestral ou senzo, não é relegado apenas ao templo ou ao cemitério, sendo reverenciado no interior da casa no altar budista. Parte de suas cinzas, inclusive, pode permanecer em esfera doméstica, marcando uma distância pequena entre o mundo dos vivos e dos mortos (WIJARAYATNA, 1997).

Diante do exposto, fica evidente que o Bon-Odori é uma forma encontrada pelos orientais para homenagear postumamente os seus entes queridos, trata-se de

um ritual tradicional no Japão e que com o processo de imigração que espalhou os japoneses pelo mundo é celebrado em diversas partes do mundo, sofrendo algumas adaptações. Desse modo, por se tratar de um evento que reúne não só a comunidade, mas também simpatizantes da cultura japonesa ele acaba se tornando um evento que atrai pessoas de diversas partes. No subtópico a seguir o Bon-Odori será exposto enquanto um potencializador da atividade turística no Amazonas.

#### 4.4 O FESTIVAL BON-ODORI EM MANAUS E IRANDUBA: POTENCIAL PARA A ATIVIDADE TURÍSTICA AMAZONENSE

Neste subtópico apresenta-se a discussão sistematizada de forma textual, a partir da entrevista realizada com o senhor K.N., atual presidente da Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental (NIPAKKU). A entrevista semiestruturada é composta por dez questões abertas. O primeiro momento da entrevista foi utilizado para conhecer melhor a associação, informações como ano de fundação, missão, sede e número de membros.

A associação está localizada no bairro Adrianópolis na cidade de Manaus/AM, fundada em 31 de agosto de 1980 com registro no cartório, possui atualmente em torno de 250 famílias que compõem os membros associados. A associação possui como missão a divulgação da Cultura Japonesa, Ensino de Língua Japonesa, Assistência a Comunidade Nikkei (japonesa) local, representar a Comunidade Nikkei (japonesa) perante a instituição pública e governamental (tanto do Japão como no Brasil).

Figura 6- Sede da Nipakku em Manaus



Fonte: Facebook Nipakku

Buscou-se compreender como a associação se mantém financeiramente, se recebem algum tipo de auxílio governamental seja na esfera municipal, estadual ou ainda federal, quanto a isso o senhor K.N afirmou:

Não recebemos auxílio cultural propriamente dito, porém usufruímos por parte do município de Manaus de imunidade no que se refere ao IPTU (dispensa de pagamento de Impostos Prediais e Territoriais dos Imóveis). Recurso financeiro para subsistência provém de mensalidade e materiais do curso de língua japonesa (cerca de 70%), aluguel das salas para escritórios (cerca de 15%), aluguel de apartamentos (cerca de 5%) e os demais (doações, anuidades, outros 10%) (K.N, 2021)

Conforme as palavras do entrevistado a associação se mantém financeiramente através de da mensalidade das aulas e do material de língua japonesa, do aluguel de umas nas quais funcionam escritórios, de doações e dispõe de certa imunidade no que se refere a dispensa de impostos predial e territorial, o que contribui e muito para que a associação seja mantida.

Procurou-se saber antes, e agora durante a pandemia do COVID-19, como e com que frequência a associação realizava as reuniões com os membros associados. O entrevistado respondeu:

Realizamos mensalmente reuniões da Diretoria de forma presencial, mesmo durante a pandemia após cancelar algumas reuniões logo no início da pandemia. Porém realizamos seguindo rigorosamente a orientação e exigência sanitária (distanciamento, higienização, uso de máscara etc.). Inclusive no local bem amplo, auditório com uso de projetor e equipamento de som (K.N, 2021)

Nota-se com base na resposta, que os encontros ocorrem constantemente de forma mensal e mesmo com a pandemia continuaram realizando as reuniões seguindo rigorosamente os protocolos de biossegurança determinados pelos órgãos mundiais de saúde, como respeito ao distanciamento, uso de máscara e álcool em gel.

Com relação a importância da presença da associação para a preservação e potencialização da cultura nipônica no Amazonas, o entrevistado discorreu:

A Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental, apesar de ter sido fundada em 1980, na verdade deu o prosseguimento ao trabalho da Associação dos Japoneses de Manaus que foi fundada em 1965, que em 1970 passou a se denominar Associação Cultural Nipo-Brasileira de Manaus e finalmente em 1980 foi criada a Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental para congregar inclusive outras Associações comunitárias



existentes tais como Associação Comunitária Nipo-Brasileira da Efigênio de Salles e Associação Comunitária Sol Nascente, existente nas localidades próxima de Manaus (K.N, 2021)

Com base no exposto pelo entrevistado, nota-se que a associação desenvolve um importante papel, em especial no que se refere à continuidade do trabalho da Associação dos Japoneses de Manaus e no que diz respeito a articulação entre as demais associações comunitárias existentes, seja na capital Manaus ou em outras localidades do estado do Amazonas.

A associação realiza uma série de eventos durante o ano, no entanto, nestes últimos dois anos em razão da pandemia deixou de realizar grande parte deles. Averiguou-se quais os principais eventos realizados pela Nipakku. O senhor K.N relatou:

Levando em consideração os departamentos existentes nesta Associação que são: Departamento Esportivo que realiza anualmente o Torneio de Softball (em agosto) e Gincana Esportiva (em outubro); Departamento Cultural realiza anualmente a Cerimônia de Ano Novo (janeiro), Cerimônia de Maioridade (janeiro juntamente com Ano Novo), Concurso Miss Nikkei (maio), Festa em Homenagem a Idosos (junho), Festival de Bon Odori (nos 3 sábados de agosto), Jungle Matsuri (setembro), Competição de Karaokê (outubro); Departamento de Educação realiza anualmente o Concurso de Desenho (maio), Festa de Tanabata (junho), Festival de Encerramento do Curso no 1º Período (junho), Concurso de Oratória em Língua Japonesa (setembro), Apresentação de Aprendizado (novembro), Exame de Proficiência de Língua Japonesa (dezembro), Festival de Encerramento do Curso no 2º Período (dezembro) (K.N, 2021)

Mediante ao relato percebe-se que a associação está organizada através departamentos e que eles realizam eventos durante o ano todo e são destinados a todas as idades. Dentre os principais eventos destacados pelo entrevistado, estão: concurso de oratória em Língua Japonesa, festa em homenagem aos idosos, gincanas esportivas, competição de karaokê, o festival Bon-Odori, concurso Miss Nikkei, dentre outros.

Desse modo, os eventos servem para reunir a comunidade japonesa que reside em Manaus, Iranduba e de municípios vizinhos, bem como simpatizantes da cultura nipônica. Dessa forma ocorre a socialização entre os membros da associação que tem um espaço no qual podem vivenciar e dar continuidade às tradições de seus ancestrais.

Buscou-se saber quando e em que contexto ocorreu a primeira edição do Festival Bon-Odori em Manaus. O entrevistado expôs:

Com a imigração japonesa a Colônia Efigênio de Salles (cujas comunidades foram instaladas na rodovia AM-010 km 38 até 45 e no km 52 ao longo de 4 levas de 1958 a 1961), ainda na década de 1960 já realizavam em agosto este festival. Quando em 1960 para 1961, recebeu no convite do governo do Estado do Amazonas, justamente na época de Festas Juninas, o grupo de jovens da Associação dos Jovens de Efigênio de Salles apresentou no campo de General Osório (hoje o campo do Colégio Militar de Manaus) a dança de Bon Odori (K.N, 2021)

Constata-se que o Festival Bon-Odori é realizado no Amazonas desde os anos de 1960 e de lá para cá o público que comparece ao festival só aumentou. A primeira edição foi realizada na colônia japonesa Efigênio de Salles na rodovia AM-010, o primeiro convite para apresentação da dança de Bon-Odori ocorreu em 1961, na ocasião a dança foi apresentada em uma festa junina que ocorreu onde hoje está situado o Colégio Militar.

Atualmente o festival segue sendo realizado e ocorre durante três sábados no mês de agosto, e conta com a presença dos membros da associação e de simpatizantes da cultura japonesa. Cabe frisar que se trata de um evento aberto ao público em geral, onde é cobrado na entrada apenas 1kg (um kilo) de alimento não perecível o qual é doado posteriormente às instituições de caridade.

Figura 7- Queima de fogos no Bon Odori em Iranduba



Fonte: Facebook Nipakku Manaus (2018)

Figura 8 - A dança do Bon Odori em Manaus no Country Clube



Fonte: Facebook Nipakku Manaus (2018)

Perguntou-se se durante a realização do festival ocorre a comercialização de produtos da cultura japonesa, como alimentos típicos, vestimentas, itens decorativos, dentre outros. O senhor K.N. afirmou:

Os participantes que tinha à sua disposição as trajes (Yukatas) se vestiam, porém quem não os tinha participavam com trajes esportes. Os produtos comercializados eram basicamente comidas típicas japonesas, enquanto outros produtos até pela dificuldade de aquisição e que próprio mercado não os disponibilizava na época (K.N, 2021)

Verifica-se que durante a realização do Festival Bon-Odori ocorre basicamente a comercialização de comidas típicas da culinária japonesa, quanto a outros produtos que poderiam ser comercializados, como vestimentas e itens decorativos, o entrevistado afirma que essa comercialização não ocorre ainda devido à grande dificuldade que se tem em encontrar no mercado tais produtos. Já na questão das comidas, elas são vendidas, pois, é muito mais fácil encontrar certos itens da culinária do que trajes e demais objetos da cultura nipônica em Manaus.

Procurou-se saber qual a importância da realização do Festival Bon-Odori para a comunidade japonesa residente em Manaus. Senhor K.N. contou:



OBON é o evento que se realiza anualmente no Japão em 15 de agosto, cuja data é o dia equivalente ao Dia dos Finados no Brasil. Podem parecer até absurdo pela concepção natural dos brasileiros (fazer a festa, comer e beber nos Dia dos Finados?). Porém na concepção Budista, religião predominante do Japão, OBON é o dia do ano em que **“os espíritos dos seus ancestrais retornam a Terra para fazer a visita aos seus descendentes”**, por esse motivo fazem esta festa promovendo um evento com muita alegria e felicidade em consideração aos seus ancestrais até para mostrar que: **“aqui estamos tudo bem”** (K.N, 2021)

A fala do entrevistado reforça a diferença como o oriente e o ocidente lidam e enxergam a morte, pois, enquanto no Brasil a celebração em torno da morte é considerada um tabu, no Japão a morte é vista de outra forma e os rituais como o Bon-Odori devem ser feitos para que os mortos possam transitar entre os círculos espirituais livres de dor e sofrimento, para que assim possam proteger os vivos.

Wijarayatra (1997), corrobora afirmando que no Japão a morte é domesticada e a morte ruim é a que ocorre de forma precoce ou tardia, longe de casa ou gerada por circunstâncias violentas, como incêndios, afogamentos, abortos e outros infortúnios, levando, no imaginário nipônico, ao surgimento de espíritos instáveis que, não convertidos em ancestrais, poderiam causar malefícios aos vivos

Neste sentido, quanto aos ritos mortuários do Budismo Sansom (1973) menciona:

[...] Desde que os mortos existem, seus desejos também devem ser atendidos. Oferendas devem ser feitas a eles, de comida e água, e seus desejos devem ser verificados e seguidos. Assim, uma criança póstuma deve ser anunciada ao túmulo, ou para as tabuletas memoriais do pai, uma noiva deve ser apresentada para os antepassados do noivo. Aqui nós temos os fundamentos do culto aos ancestrais. Para as famílias, os mortos não estão mortos: eles devem ser consultados, confortados e reverenciados (p. 114)

Nesta perspectiva, entende-se que os mortos se fazem presentes no plano físico e nunca estão de fato mortos, eles devem ser consultados, precisam ser constantemente reverenciados e confortados para que possam oferecer proteção as suas famílias.

Perguntado se acredita que o festival Bon-Odori contribui para a potencialização do turismo em Manaus e Iranduba, o entrevistado discorreu:

Acredito que sim, porém o objetivo da nossa Associação (sem fins lucrativos) cuja principal razão da existência é a sua divulgação e intercâmbio cultural. Portanto, não temos como principal objetivo de promover algo para turismo

local, mas sim participar propiciando uma contribuição para divulgação cultural, até porque acredito que onde existir uma comunidade Nikkei realizam o Bon Odori, ou seja, cada região tem a realização de seu Bon Odori, promovendo essa atividade tradicional. Portanto é diferente, por exemplo, de Festival de Boi Bumbá que é a marca registrada de Parintins que atrai inclusive turistas de âmbito internacional (K.N, 2021)

Conforme as palavras do entrevistado verifica-se que ele acredita sim que o Festival Bon-Odori pode ser um indutor do turismo no Amazonas, entretanto, reforça que a principal razão da existência da associação e da realização do festival é o intercâmbio cultural.

Apesar de acreditar que o Bon-Odori futuramente possa se tornar um atrativo turístico na região de Manaus e Iranduba, o entrevistado menciona que seria um atrativo, mas não ao ponto de quem sabe se tornar um festival de grande porte e que atrai centenas de turistas, como é o caso do Festival de Boi Bumbá de Parintins. Isso porque o Bon-Odori é um dos rituais religiosos da cultura nipônica e seu objetivo principal é garantir que seus entes queridos que partiram possam estar iluminados e livres de qualquer sofrimento no plano espiritual.

Figura 9- Bon Odori 2018 em Iranduba



Fonte: Facebook Nipakku Manaus (2018)

**Figura 10-** Público no Bon Odori Manaus 2018



Fonte: Facebook Nipakku Manaus (2018)

Para finalizar a entrevista buscou-se saber sobre os planos futuros da associação no que diz respeito a realização de outros festivais e demais eventos. O entrevistado manifestou:

*Em setembro de 2019, no ano alusivo a 90 Anos de Imigração Japonesa na Amazônia, realizamos o Jungle Matsuri (Festa na Selva) cujo local Studio 5 e obtivemos ao longo dos 3 dias cerca de 30 mil pessoas de público participante. Festival este que teve todo tipo de atrativos culturais nipônicas, desde praça de alimentação com comidas típicas, vendas de produtos japoneses (barracas procedentes de São Paulo), apresentação de teatro, apresentação de cantores da música japonesa, tendas das empresas do Distrito Industrial e Comércio de Manaus (Honda, Yamaha, Daikin, Panasonic, Mirai, etc.), apresentação do Grupo de Taiko de São Paulo e de Manaus, apresentação inclusive de Bon Odori etc. Estava tudo pronto para dar a continuidade, porém com a pandemia de Covid 19 não foi possível a realização nos anos seguintes. No entanto, para o ano de 2022, já estamos planejando a retomada de realização de mais eventos (K.N, 2021).*

Observa-se que no ano de 2019 a Nipakku realizou um evento de médio porte que atraiu um bom público e parcerias firmadas com empresas do Distrito Industrial de Manaus. A ideia era dar continuidade, porém a pandemia do COVID-19 não permitiu que as atividades seguissem em 2020 e 2021. Entretanto, o presidente da

associação afirmou que o plano para o ano de 2022 é dar continuidade aos eventos já existentes e planejar novos.

Portanto, com base no que foi discutido aqui, pode-se afirmar que o Festival Bon-Odori pode sim ser um potencializador da identidade cultural da comunidade nipônica não só em Manaus e Iranduba, mas no estado do Amazonas, configurando-se como uma importante forma de intercâmbio cultural.

Constatou-se que o festival pode se tornar um importante empoderador da cultura da terra do sol nascente na região amazônica. Assim, com base neste estudo afirmou-se que o festival Bon-Odori contribui para a preservação e disseminação da cultura japonesa em Manaus e Iranduba e que através de planejamento, estudo e organização pode sim servir como um evento cultural, contribuindo para a potencialização e desenvolvimento do turismo no Amazonas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o processo da imigração japonesa os japoneses espalharam-se por todos os continentes, chegando ao Brasil em 1908 no Navio Kasato Maru que aportou no Porto de Santos. A partir daí os japoneses se espalharam pelos estados brasileiros e constituíram a comunidade japonesa no Brasil, o país tem a maior colônia japonesa fora do Japão, e a maior concentração se dá no estado de São Paulo.

Aqui foi um dos países onde mais houve o choque de cultura, na qual os japoneses se viram em meio a um país ocidental que possui uma cultura e modo de vida bem diferente do oriente. Compreendendo isso, e agregado à importância de permanecerem fiéis as suas origens, os japoneses encontraram formas de manter vivas suas tradições.

O presente estudo limitou-se a investigar o Festival Bon-Odori, que é um ritual feito para enaltecer seus mortos. Segundo Peirano (2003), o Bon-Odori é um dos rituais mais importantes da cultura nipônica, tanto no Japão quanto no Brasil, e é realizado praticamente em todas as colônias presentes no país. A finalidade da comemoração do Bon Odori é transmitir aos japoneses e seus descendentes valores e conhecimentos próprios de sua cultura, entretanto há constantes mudanças na forma em que esse ritual é realizado, já que “ritual não é algo fossilizado, definitivo”. Desse modo, a forma como ocorre a celebração do Bon-Odori sofre variações de acordo com a região na qual é praticada.

Nesta investigação investigou-se o Bon-Odori enquanto um indutor do turismo em Manaus e Iranduba, isso porque a realização do festival atrai não só a comunidade nipônica residente nessas localidades, mas também simpatizantes da cultura japonesa. Neste contexto o festival caracteriza-se como um evento, no qual ocorre a dança do Bon-Odori e a comercialização de comidas típicas da culinária nipônica.

No que tange aos objetivos propostos neste estudo, eles foram alcançados, uma vez que se analisou o Festival Bon-Odori enquanto evento turístico cultural em Manaus e Iranduba, apesar das dificuldades encontradas para entrevista e coleta das informações. E especificamente: situou-se nas literaturas existentes a importância dos festivais japoneses para o fortalecimento da diversidade cultural no Brasil e no estado do Amazonas; apresentou-se a relevância do festival Bon-Odori no contexto histórico e cultural da imigração japonesa em Manaus; e expor-se a contribuição do Festival

Bon Odori para o fortalecimento dos eventos culturais nos municípios de Manaus e Iranduba.

É importante frisar que o cenário atual, em virtude da pandemia, gerou uma série de dificuldades que acarretaram na adaptação dos objetivos inicialmente propostos e interferiram diretamente nos resultados. A pandemia impossibilitou a realização do festival durante dois anos, logo não foi possível acompanhar todas as etapas realizadas até chegar o dia do evento. A falta de literaturas que debatem a temática também foi uma grande dificuldade.

Cabe mencionar que o festival é uma importante forma de disseminar a cultura nipônica e possibilitar o intercâmbio cultural entre japoneses e brasileiros e que com planejamento e organização o Bon-Odori pode ser um importante indutor da atividade turística no Amazonas, uma vez que atrai visitantes para a localidade na qual é realizado. Faz-se importante salientar que o evento pode ser inserido no calendário cultural da cidade. Trata-se de um evento que fortalece a identidade de um povo, a cultura nipônica é rica e um evento como o Bon-Odori pode futuramente captar turistas.

Quanto as contribuições deste estudo, estas se dão na esfera acadêmica e social, à comunidade fica uma pesquisa de fácil entendimento que possibilita compreender em linhas gerais a origem e a importância do Festival Bon-Odori para a comunidade japonesa. E à universidade fica um registro que pode servir de embasamento para pesquisas futuras que abordem a temática dos festivais enquanto indutores da atividade turística. No que se refere às dificuldades e limitações da pesquisa, destaca-se a falta de materiais existentes sobre a temática abordada, em especial no que diz respeito ao Festival Bon-Odori, a questão do tempo que foi relativamente limitado, bem como a pandemia que impossibilitou a realização de uma pesquisa mais ampla.

Por fim, recomenda-se este estudo a todos os estudantes de turismo, profissionais da área, bem como estudantes das diversas áreas do conhecimento e aos demais membros da sociedade. Vale salientar, que esta temática não se finda aqui, pois, trata-se de um assunto que requer mais pesquisas que contribuam com as discussões sobre a importância dos festivais para atividade turística. É fundamental que haja mais pesquisas sobre o evento, em especial no pós-pandemia, para que seja possível verificar a potencialidade de se tornar um evento turístico.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, José Vicente. **Turismo: Fundamentos e Dimensões**. São Paulo: Ática, 1995.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- ANDRÉ, R. G. **Imigrantes curandeiros: facetas da religiosidade nipônica no Brasil (1908-1950)**. In: HAHN, Fábio André; MEZZOMO, Frank Antônio (Orgs.). **Nas malhas do poder: história, cultura e espaço social**. Campo Mourão: Editora FECILCAM, 2011a, p. 77-10
- ARIÈS, Phillipe. **O homem diante da morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989
- AVILA, M. A. (org.). **Política de planejamento em cultura e turismo**. Ilhéus: Editus, 2009.
- BARRETTO, M. **Cultura e Turismo: Discussões Contemporâneas**. Campinas: Papyrus, 2007.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 8. Ed São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.
- BOULLÓN, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Trad. Josely Vianna Baptista. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BRASIL. IPHAN. **Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 03 jul. 2021.
- DENCKER, A. de F. M. **Pesquisa em Turismo: planejamento, métodos e técnicas**. São Paulo: Futura, 2007.
- ELIADE, M. **História das crenças e das ideias religiosas II: de Gautama Buda ao triunfo do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- FONSECA, L. A. M. **Metodologia científica ao alcance de todos**. 4. edição. Manaus: Editora Valer, 2010.
- GETZ, D., **Festivals special events ant tourism**, Van Nostrand Reinhold, 1991. New York.
- GRATTON, C. e TAYLOR, P.D. (1995), “**Impacts of festival events: a case-study of Edinburgh**”, in **Tourism and spatial transformations – implications for policy and planning**, ASHWORTH e DIETVORST (ed.), CAB International, United Kingdom, London.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

HANDA, T. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1987

HIRATSUKA, L. **Os livros de Sayuri.** São Paulo: SM, 2004.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2010.

LANG, A. B. da S. G. **História oral e migração: a questão do regresso.** Oralidades: Revista de História Oral, 2. 2007.

LOURENÇÃO, G.V.N. **Dos mares do Japão às Terras Brasileiras: Algumas considerações sobre o Brasil, a imigração japonesa e sua influência na agricultura.** Universidade Federal de São Carlos. Laboratório de Estudos Migratórios-UFSCar; Laboratório de Estudos da Japonesidade – TsukubaUni, 2015.

LUCCA, A. T. G. de. **REVELAÇÕES DA HISTÓRIA, TRANSMISSÃO E PRESERVAÇÃO CULTURAL POR MEIO DOS JOGOS E BRINCADEIRAS: OS JAPONESES EM LONDRINA.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, 2007.

MACIEL, L. M. **O sentido de melhorar de vida: arranjos familiares na dinâmica das migrações rurais-urbanas em São Carlos-SP. 2012.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas-SP, 2002.  
MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais.** 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA NETTO, A. A. de. **Metodologia da Pesquisa científica.** 2. Ed. Florianópolis: Visual Books, 2006.

PEIRANO, M. **Rituais Ontem e Hoje.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

REIS, A. C. F. **A Amazônia e a cobiça internacional.** 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

SAKURAI, C. **Os japoneses.** São Paulo: Contexto, 2008.

SANSOM, G. B. **Japan: a short cultural history.** Tokyo: Charles E. Tuttle, 1973

SATO, F.N. **História da Imigração Japonesa no Brasil - Banzai!** São Paulo: NSP Hakkosha Editora, 2008.



WEBER, M. **The religion of India: the sociology of Hinduism and Buddhism.** Glencoe: The Free Press, 1958.

WIJAYARATNA, M. **Funerary rites in Japanese and other Asian Buddhist societies.** Japan review, n. 8, p. 105-125, 1997

## APÊNDICE- ROTEIRO DA ENTREVISTA



### ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO CURSO DE TURISMO- ESAT

Prezados (as), sou Stephanie Pinto, acadêmica do curso de Bacharelado em Turismo pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Estou realizando uma pesquisa e necessito de sua colaboração para responder esta entrevista composta pelas questões elencadas abaixo. Com as respostas destas questões pretendo realizar: **A ANÁLISE DO FESTIVAL *BON ODORI* COMO EVENTO TURÍSTICO CULTURAL NAS CIDADES DE MANAUS E IRANDUBA.**

#### ENTREVISTA

- 1) Para iniciarmos forneça os seguintes dados da Associação (inserir nome completo da associação):

Ano de criação: \_\_\_\_\_

Número de membros associados: \_\_\_\_\_

Localização da sede: \_\_\_\_\_

A missão da associação: \_\_\_\_\_

- 2) A associação recebe algum tipo de auxílio cultural do governo? Se sim, qual? (Seja na esfera municipal ou estadual). Caso a resposta seja não, como a associação é mantida financeiramente?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- 3) Antes da pandemia do COVID-19 a associação realizava reuniões com os membros? Se sim, com qual frequência? Caso a resposta seja não, justifique.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- 4) Em sua concepção qual a importância da presença da Associação para a preservação e potencialização da cultura japonesa em Manaus?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**5) Cite e descreva brevemente os principais eventos realizados pela associação.**

---

---

---

**6) Quando e em que contexto foi realizada a primeira edição do *Festival Bon Odori* em Manaus?**

---

---

---

**7) Durante a realização do festival eram comercializados produtos da cultura japonesa? Como alimentos típicos, vestimentas, itens decorativos, dentre outros. Se sim, cite alguns. Caso a resposta seja não, justifique.**

---

---

---

**8) Qual a importância da realização do *Festival Bon Odori* para a comunidade japonesa residente em Manaus?**

---

---

---

**9) Em sua concepção o festival contribui para a potencialização do turismo em Manaus e em Iranduba? Se sim, de que forma?**

---

---

---

**10) Futuramente a associação tem em mente a realização de outros festivais sobre a cultura japonesa?**

---

---

---

Grata pela atenção dispensada!

Atenciosamente,

Stephanie Pinto - ESAT-UEA.